



## Comentário sobre a leitura de Gramsci no Brasil a partir da obra *Cadernos do Cárcere*

Carlos Zacarias F. de Sena Júnior<sup>1</sup>

Antonio Gramsci (1891-1937) é provavelmente um dos pensadores marxistas cujos textos são mais utilizados na atualidade. Seu marxismo, antidogmático por excelência, tem sido revisitado por diversos autores de filiação ideológica variada. Não obstante os usos que têm sido feitos do seu pensamento, alguns claramente inadequados, Gramsci primou pela coerência no transcurso de sua vida, tanto como militante do Partido Socialista quanto do Partido Comunista Italiano, do qual foi um dos fundadores e principais dirigentes desde 1921.

Não obstante a “permissividade” do seu pensamento, Gramsci primou pela coerência de sua atuação. Pelo Partido Comunista foi eleito deputado em 1924, sendo preso em 1926, pelo governo fascista que chegara ao poder quatro anos antes. É famosa a sentença proferida pelo juiz assecla de Mussolini por ocasião da condenação de Gramsci, quando disse “É preciso impedir que este cérebro funcione por 20 anos”. Os 20 anos não foram necessários para a frágil saúde do comunista sardo, já que complicações diversas, num organismo freqüentemente debilitado, levaram-no a óbito onze anos depois do seu encarceramento e alguns anos após a aquisição de sua liberdade condicional, em 1934 (Gramsci morreu no dia 27 de abril, alguns dias depois de adquirir sua liberdade plena). Apesar do seu encarceramento, Gramsci não parou de trabalhar pela emancipação humana através do socialismo, produzindo uma rica reflexão que ultima-

-----  
<sup>1</sup> Professor de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus II, Alagoinhas.

mente vem sendo reivindicada por diversas vertentes do pensamento político.

A atualidade das idéias gramscianas também pode ser observada através dos diversos tratamentos dados à sua obra. Com efeito, seus escritos têm ganhado freqüentes reedições a partir de variadas soluções aplicadas aos seus textos, especialmente aqueles da sua fase carcerária que, todavia, não estavam destinados à publicação. No Brasil o prestígio de Gramsci se evidencia pela recente publicação, em seis volumes, dos seus escritos da prisão. Tais edições, surgidas entre 1999 e 2002, foram o resultado de uma revisita à obra gramsciana publicada no Brasil pela primeira nos anos 60. Essa nova edição brasileira, parte das chamadas “edições Gerratana”, divulgadas na Itália ainda nos anos 70. O trabalho de tradução, metucioso, sério e oportuno, coube, mais uma vez, ao professor Carlos Néelson Coutinho, profundo conhecedor das idéias gramscianas e pioneiro na sua introdução no Brasil. O projeto editorial da Civilização Brasileira, ainda por se completar com as *Cartas do cárcere*, contempla, além dos *Cadernos*, os escritos pré-carcerários do marxista sardo, a maioria ainda inéditos em território nacional. Produzidos em meio à efervescência dos anos em que a revolução encontrou o seu maior ascenso e sua primeira grande derrota, tais textos revelam uma espécie de “outro Gramsci”, porquanto as dimensões e reflexos da época histórica da reação e contra-revolução fascistas ainda estivessem por chegar.<sup>2</sup>

Coincidência ou não, a primeira empreitada da editora Civilização Brasileira, restrita aos textos prisionais, se deu em meados dos anos 60, também sob a coordenação de Carlos Nelson Coutinho. Nessa época, a contra-revolução no Brasil avançava a passos largos sobre os escombros do movimento operário e socialista, o principal derrotado. Os textos gramscianos carcerários foram, então, divulgados a partir das chamadas “edições temáticas”, publicadas na Itália nos anos 1940. Tais “edições” corresponderam a um tipo de solução editorial, aplicada aos escritos gramscianos, pelo dirigente comunista italiano Palmiro Togliatti que agrupou os famosos *Cadernos* em torno da “identidade” temática das questões que eram apresentadas de maneira fragmentária e aparentemente assistemática.<sup>3</sup> As “soluções” togliattianas para os textos

2 A referência completa nova edição brasileira dos textos gramscianos é a seguinte: Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2002, 6 v; *Escritos políticos* (1910-1926). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004, 2 v.

3 Tais textos tinham sido recolhidos pelos dirigentes do PCI e por Tatiana Schucht, irmã da mulher de Gramsci, com quem este mantinha assídua correspondência.

de Gramsci foram alvos de críticas diversas, mas foram, enfim, as que se consagraram pelo mundo à fora nas décadas seguintes. Assim, da obra prisional, ganharam edição brasileira sob os títulos de *Concepção dialética da História* (1966), *Os Intelectuais e a organização da cultura* (1968), *Literatura e vida nacional* (1968) e *Maquiavel, a política e o Estado Moderno* (1968) (este último com tradução de Luiz Mário Gazzaneo), vários dos 33 “cadernos do cárcere”. É também deste período a publicação de uma seleção das *Cartas carcerárias* (1966), com tradução de Noênio Spinola (nos anos 80 serão publicadas outras “cartas” e alguns textos reunidos em “obras escolhidas”).<sup>4</sup>

É curioso que Gramsci tenha sido introduzido no Brasil justamente durante a ditadura militar, período em que, como se sabe, a censura estava atenta ao que se dizia, se cantava e se lia no país. Mas foi justamente pelo hermetismo e “heterodoxia” do pensamento gramsciano que isso foi possível, principalmente porque, segundo Coutinho, o comunista italiano apareceu como um intelectual da cultura, ao lado de Georg Lukács e alguns pensadores da Escola de Frankfurt. É verdade que os idealizadores da chamada “operação Gramsci”, de certa forma, já pretendiam reconsiderar a tradição terceiro-internacionalista de Gramsci à luz de uma leitura assumidamente revisionista.<sup>5</sup> De qualquer forma, os editores brasileiros da obra gramsciana precisaram driblar os censores, como se pode verificar pela breve apresentação contida na contracapa da *Concepção Dialética da História*, onde está dito tratar-se de “obra editada livremente em todos os países que valorizam o amplo debate de idéias”, coisa que estava longe de acontecer no Brasil dos tempos da ditadura; também que o texto era “famoso livro de polêmica, tendo sido o seu autor, a um só tempo, esclarecido intelectual, homem político e homem de ação”.<sup>6</sup>

O fato é que as primeiras publicações de Gramsci no país não lograram êxito imediato no ambiente da esquerda, apesar de terem influenciado muito o debate aca-

4 Veja-se a esse respeito Carlos Nelson Coutinho. *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, pp. 279-305, especialmente a nota bibliográfica 3, p. 311-312. Entre os textos do período pré-cárcere, destaca-se *A questão meridional*. (com tradução de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

5 Coutinho chamou o processo de introdução de Gramsci no Brasil como “operação Gramsci” em analogia ao mesmo processo na Itália. Op. cit. p. 283-285. Edmundo Fernandes Dias chama de “maquiagem redutora” o processo de edição da obra gramsciana no Brasil. “Gramsci no Brasil: o rabo do diabo” In: Dias et al. *O outro Gramsci*. São Paulo, Xamã, 1999, p. 185.

6 Antonio Gramsci, *Concepção dialética da história*. 3 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

dêmico que buscava cânones marxistas antidogmáticos e desvinculados do projeto do chamado “socialismo real”. De outro lado, sua escrita fragmentária, que dificultava a apreensão do seu pensamento, também deve ter prejudicado em muito a sua recepção e acesso dos potenciais leitores do período. Quanto a isto, convém esclarecer que seus textos carcerários não estavam necessariamente destinados à publicação, senão compunham um projeto de realização de uma exegese da história da Itália, a partir dos intelectuais, e da realidade do seu tempo, um tempo de ascensão do fascismo e de guerra iminente; um tempo em que o pensamento marxista encontrava-se prisioneiro de um reducionismo vulgar e economicista; um tempo em que se começava a promover a reificação de uma ideologia (a stalinista) e de uma personalidade (a de Stalin); enfim, um tempo em que se deviam combinar, mais do que nunca, a máxima de “pessimismo da inteligência, otimismo da vontade”. Além disso, havia profundos problemas com a censura carcerária que obrigava Gramsci a utilizar inúmeros artifícios e expressões novas para discutir velhos problemas. Isso tudo tornava ainda mais difícil o trabalho de reunião dos textos gramscianos, de modo que, a um leitor menos avisado, tornava-se quase que ininteligíveis muitos dos postulados dos textos do marxista sardo.

Foi somente a partir dos anos 70 que o editor italiano, Valentino Gerratana, encontrou o que parecia ser a melhor solução para a publicação dos famosos “cadernos” de Gramsci. Agrupando-os com maior fidelidade ao seu autor e levando-se em consideração a cronologia dos seus textos, depositados em 33 cadernos escolares, escritos entre 1929 e 1935, Gerratana pôde resolver uma série de problemas referentes às edições anteriores, em especial às “edições temáticas” que terminavam por promover uma determinada leitura de Gramsci apenas pela forma como os textos eram agrupados. São as “edições Gerratana” as atuais bases da presente publicação brasileira de Carlos Néelson Coutinho (também de Luís Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira), que conta, ainda, com um substancial aparato de notas críticas e explicativas que algumas vezes vão além da edição italiana, pois não desprezam algumas das soluções encontradas por outras edições, como esclarece o próprio Coutinho na introdução aos *Cadernos do cárcere*, contida no primeiro volume da atual publicação.

A atualidade de Gramsci está não apenas na sua profissão de fé numa sociedade comunista, mas também nos debates que travou e nas premissas filosóficas que erigiu contra todo o dogmatismo stalinista e contra a filosofia idealista do seu tempo. Será, então, no primeiro volume da edição brasileira dos *Cadernos* que Gramsci formulará as bases conceituais da sua “filosofia da praxis” e empreenderá um combate sem tréguas contra o economicismo de N. Bukhárin e o seu *Tratado do Materialismo*

*Histórico.* Contra a versão marxista do dirigente soviético e epígono de Stalin, que afirmava a premissa absoluta do econômico sobre todas as outras instâncias, Gramsci opôs um pensamento recheado de mediações entre o ser social e sua consciência, redefinindo o lugar da cultura como vontade ativa e operante nas transformações históricas. Para Gramsci, os homens, neste ato de fazer a história, na circunstância em que as “condições materiais necessárias e suficientes” já se tenham desenvolvido, são movidos por um “impulso de vontade coletiva”, donde não se pode destacar um “certo nível de cultura” e um “certo complexo de paixões e sentimentos imperiosos”.<sup>7</sup> Desse ponto de vista, Gramsci rompe definitivamente com o postulado da determinação absoluta do econômico sobre o ideológico, o político, o cultural etc. Mas Gramsci não desprezará de maneira nenhuma o fato de que é a partir do ser social que se ergue a consciência, mantendo, na melhor tradição marxista, os homens sobre os seus próprios pés. Assim, ele combaterá, também, a filosofia idealista de Benedetto Croce, a mais influente do seu tempo, travando um rico diálogo com importantes correntes de pensamento e com diversos intelectuais, desde Giovanni Gentili, que seria ministro fascista nos anos 20, até Antonio Labriola, pioneiro do marxismo italiano e bastante influente na intelectualidade europeia do início do século.

Se as premissas essenciais ao pensamento gramsciano estão contidas no primeiro volume da edição brasileira dos seus *Cadernos*, suas categorias mais conhecidas podem ser encontradas em diversas passagens ao longo dos demais. Assim, no volume 2 pode-se conhecer sua concepção sobre os intelectuais, entendidos como mediadores entre o mundo da cultura e o da produção, ou o postulado essencial ao seu pensamento de que cada classe cria para si os seus intelectuais orgânicos. Também se encontrará aqui a categoria de intelectual tradicional, a discussão sobre “lorianismo” (entendido como espécies de imposturas intelectuais), educação e jornalismo.

No terceiro volume dos *Cadernos*, Gramsci desenvolve suas principais teorias sobre a política, o Estado, a “sociedade política” e a “sociedade civil”. Há também a conhecida e atualíssima discussão sobre tática e estratégia socialista, como a idéia de “guerra de posição” e “guerra de movimento”, “sociedades ocidentais” e “sociedades orientais”, ou a noção de hegemonia, que é uma das categorias mais importantes do pensamento gramsciano. Há, ainda, a discussão sobre o partido político da classe

---  
<sup>7</sup> Gramsci, op. cit., pp. 196-197, vol. 1.

operária (chamado por Gramsci de “Moderno Príncipe”) como o sujeito da vontade coletiva da transformação social.

No volume seguinte, o quarto, Gramsci interpreta as transformações adaptativas do capitalismo para superar a crise de 1929. Neste caso, identifica o fordismo não somente como mecanismo de controle estrito do operário na produção (a idéia de “gorila amestrado” de Taylor), como também o controle moral introdutor de uma “consciência objetiva” criadora de um novo nexos psicofísico no trabalhador superior ao taylorismo. A idéia de que os capitalistas necessitam controlar os corpos dos operários para otimizar a produção, tão corrente em tantas análises historiográficas e sociológicas contemporâneas, tem em Gramsci o seu pioneiro. Também neste volume Gramsci discute a importância da Igreja Católica na história italiana e aprofunda sua reflexão sobre a cultura como elemento de transformação (discussões estas que estão presentes desde a sua formação e que perpassam todos os seus textos).

No quinto volume dos *Cadernos*, penúltimo da atual edição brasileira, Gramsci se dedica à história da unificação italiana (o *Risorgimento*) e identifica na função cosmopolita exercida pelos intelectuais o nó górdio do retardamento do processo unificador, na medida em que estes não criaram um sentimento nacional-popular que impulsionasse a vontade coletiva no sentido da edificação da unidade nacional. Há neste volume as categorias de “revolução passiva” (muito utilizada por historiadores brasileiros na análise da “Revolução de 30”), transformismo e desenvolvimento desigual e combinado. Será também neste volume que Gramsci discutirá brevemente sobre os grupos sociais subalternos, abrindo caminho para a moderna historiografia do movimento operário e seus partidos. Por fim, no último volume dos *Cadernos*, se poderá encontrar uma instigante discussão sobre temas ligados à cultura *stricto sensu*, assim como suas inserções no âmbito da filologia que é vista na riqueza das variações linguísticas populares. O volume também traz um rico apêndice para que os estudiosos de Gramsci possam aprofundar e interpretar mais o seu pensamento.

A (nova) edição dos *Cadernos* se encerra com a publicação do sexto volume, mas o projeto editorial é mais vasto, como já foi dito, e o que se espera é que à luz dos escritos pré-carcerários de Gramsci, a elucidação dos seus postulados essenciais fique ainda mais facilitada e a polêmica ensejada pelo tipo de recepção de muitos gramscianos, tantos anos sufocada, venha finalmente à tona.

Se a obra quase completa de Gramsci chega finalmente ao Brasil, através da tradução de Carlos Nelson Coutinho e seus colaboradores, não resta dúvida de que seja este autor o mais influente pensador a divulgar o legado de gramsciano entre nós.

Sendo assim, muitas das leituras atualmente realizadas, ou mesmo às que vem sendo praticadas no país desde os anos 60, são informadas por uma certa concepção da história, do marxismo e da revolução, cujo principal porta voz é o professor Coutinho.<sup>8</sup> Será importante mencionar ainda que este intelectual, nascido na Bahia, em 1943, e precocemente iniciado no marxismo, começou sua militância no Partido Comunista Brasileiro, o PCB, em fins dos anos 50. Neste período, viviam-se as turbulências provocadas pelas denúncias dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS. Segundo Coutinho, seria a partir desta catarse que o “marxismo brasileiro iniciaria um processo, embora tímido, de abertura pluralista”. Quanto ao PCB, que terminava de promover uma nova inflexão política ao publicar a sua “Declaração de Março de 1958”, os tempos não eram os mais favoráveis, muito embora estivessem longe de ser os piores tempos. Buscava-se escapar das posições “sectárias” e “esquerdistas” a que se havia chegado com a linha política anterior, assim como se pretendia criticar, ainda que timidamente, o culto à personalidade e a adesão irrestrita ao stalinismo.<sup>9</sup> De todo modo, procurava-se preservar a defesa do Partido Comunista, do marxismo-leninismo e da União Soviética, a “pátria do socialismo”, acima de todas as coisas. Seria nessa conjuntura, portanto, que surgiriam as primeiras referências a Gramsci no interior do movimento comunista brasileiro, ao tempo em que a chamada “operação Gramsci” teria sido o resultado da crise de um segmento da esquerda mundial, representada no Brasil pelo PCB, que buscava referências fora do campo teórico e programático do marxismo-leninismo e terceiro-internacionalista.<sup>10</sup>

Com efeito, nos anos 50, como o próprio Coutinho observou, poucos eram os militantes da esquerda brasileira que tinham ouvido falar do comunista italiano: “O autor que viria a se tornar, a partir dos anos 70, um dos autores estrangeiros mais lidos e discutidos no Brasil – e não apenas pelos marxistas – era então, no final dos

8 Vejam-se, por exemplo, os textos do site [www.gramsci.org.br](http://www.gramsci.org.br). Apesar das diferenças óbvias entre as muitas abordagens de Gramsci, predomina uma certa leitura bastante informada na obra de Carlos Nelson Coutinho.

9 A linha chamada de “esquerdistas” pelos próprios pecebistas, tinha sido consagrada pelos Manifestos de Janeiro de 1948 e Agosto de 1950 que pregava a “derrubada do governo”. A Declaração de Março de 1958 sintetiza a nova inflexão política como resultado das denúncias dos crimes de Stalin e da avaliação do período anterior.

10 Coutinho, *op. cit.* p. 281. As primeiras referências a Gramsci no Brasil teriam surgido, entretanto, conforme nos informa Dainis Karepovs, nos anos 1930. “Gramsci”, *Teoria e Debate*, São Paulo, Partido dos Trabalhadores, n. 10, abr/mai/jun de 1990, p. 72 (seção de cartas). (na nota n. 2 do seu livro, Coutinho incorpora a informação do pesquisador).

anos 50, um quase completo desconhecido entre nós”.<sup>11</sup> Coutinho considera que a tradição terceiro-internacionalista da esquerda brasileira, ainda hegemônica pelo PCB, que já sofria as primeiras fissuras, não dava espaços para formulações “heterodoxas” como as de Gramsci. Seria, então, a partir da iniciativa de jovens intelectuais do PCB, no qual se incluiu o próprio Coutinho, todos sem função de direção, que Gramsci teria sido inserido (ou re-inserido) no Brasil, como um pensador da cultura, “muito mais próximo de Lukács do que de Lênin”, nas palavras do professor baiano.

Mas que tipo de leitura de Gramsci se produziu no Brasil a partir da sua do (re)introdução nos anos 60? Haveria a possibilidade de se ler os *Cadernos* de uma outra maneira? Seria Gramsci um mero “intelectual da cultura”, ou um militante marxista que pretendia transformar o mundo pela revolução? Que usos podem ser feitos da obra gramsciana na atualidade?

Por certo que as polêmicas e os debates fundamentais sobre a obra de Gramsci apenas se iniciaram na última década no Brasil e seria impossível aprofundar qualquer dessas questões nos limites deste texto. Entretanto, convém citar algumas das críticas que têm sido feitas à forma como Gramsci foi lido e introduzido no Brasil através das versões pós-stalinistas e eurocomunistas que pretenderam que o legado do comunista da Sardenha tenha apontado para um projeto de ruptura com a tradição terceiro-internacionalista, especialmente aquelas de Lênin e Trotsky.<sup>12</sup> Nesse sentido, Edmundo Dias afirma que Coutinho tenderia a confundir a “esquerda” com o PCB e, por vezes, o marxismo com o stalinismo.<sup>13</sup> De qualquer forma alguns problemas podem ser levantados a partir da leitura da obra do próprio Coutinho e da matriz togliattiana que informou este autor, especialmente quanto ao tratamento que dá à relação Gramsci-Trotsky em torno de inúmeros assuntos.

Nesse sentido, não é de se estranhar a ênfase que se atribui à contribuição de Gramsci quanto ao caráter ampliado do Estado nas sociedades ditas Ocidentais. Pe-

11 *Idem*, p. 282.

12 É verdade que as organizações comunistas filiadas historicamente ao projeto stalinista, e também as versões eurocomunistas, reivindicam a ligação de Gramsci e Lênin, entretanto negam qualquer linha de continuidade com o pensamento de Trotsky. Sobre o assunto, vejam-se os trabalhos de Roberto Massari. “Gramsci e Trotsky”. In: Dias. *op. cit.* p. 123-166; Perry Anderson. *As antinomias de Gramsci*. In: *Afinidades seletivas*. São Paulo, Boitempo, 2002, p. 13-100; Carlos Zacarias de Sena Jr. Gramsci: mais um antitrotskista?, *Outubro*, n. 10, p. 49-68, 2004.

13 Dias *et al*, *op. cit.* 183-191.



las leituras correntes e majoritárias entre nós, as reflexões gramscianas em torno deste tema teriam sugerido que toda a luta política contra-hegemônica passaria do campo da “guerra de movimento”, adotada nas sociedades Orientais, para a “guerra de posição”. Na medida em que a complexificação da sociedade civil, ao tempo em que permitiriam um outro tipo de combate, a partir dos “aparelhos privados de hegemonia”, também conformariam uma série de “casamatas” que possibilitariam ao Estado capitalista resistir à transformação pela via da ruptura revolucionária de tipo “assalto ao palácio de inverno”.<sup>14</sup>

Evidentemente que tal interpretação guarda uma estrita identidade com a obra gramsciana, ainda que se possam considerar a influência do contexto em que os *Cadernos* foram produzidos, marcadamente sob o signo da derrota. Entretanto, não podemos desconhecer as relações dessas leituras com as reflexões de Palmiro Togliatti sobre a “democracia progressiva” a partir da segunda metade da década de 1940, o que, de qualquer forma, termina por transformar Gramsci numa espécie de precursor da defesa da “democracia como valor universal”. De outro lado, as pressões democráticas que vez por outra atingem uma enorme quantidade de militantes marxistas, segue fazendo muito estrago nas fileiras do marxismo revolucionário. Senão, como entender que boa parte das correntes revolucionárias tenha simplesmente capitulado vergonhosamente ao terreno do regime burguês? E o pior é que tem utilizado Gramsci para fazerem isso.

Portanto é preciso considerar que foi a partir dessa a matriz que muitas leituras de Gramsci no Brasil terminaram evoluindo para a crença na democracia como valor universal (a partir da idéia de democracia progressiva de Togliatti). O próprio Coutinho não renega esta tradição, por isso é bastante emblemático o caminho de muitos partidos comunistas do mundo que renegaram o marxismo, como o antigo PCI (hoje Partido Democrático de Esquerda, PDS), ou o PCB, que se transformou em PPS (Partido Popular Socialista). No Brasil, o Partido dos Trabalhadores que vinha sendo um abrigo seguro para muitos gramscianos que acreditavam na “democracia como valor universal” tem perdendo o espaço à esquerda para outras interpretações de Gramsci, do socialismo e da transformação.<sup>15</sup>

-----

<sup>14</sup> Ver a esse respeito, Coutinho, op. cit, p. 119-143.

<sup>15</sup> Curiosamente o próprio Coutinho, que passou pelo PT e hoje está no P-Sol, já vinha relativizando bastante esta categoria sem, entretanto, abandonar seus postulados principais, como se pode ver pelos seus escritos recentes.

É certo que as posições gramscianas sobre inúmeros aspectos do movimento socialista internacional são objeto de disputas intermináveis. Longe de pretender esgotar o assunto, o meu objetivo é tão somente disputar as idéias de Gramsci com as interpretações stalinistas, social-democratas e liberais. Ainda que esta comunicação limite-se a alguns termos da herança gramsciana, há ainda muito a se desmistificar em torno deste teórico e militante que tanta contribuição forneceu ao materialismo histórico, ou filosofia da práxis como preferia o marxista italiano. Enfim, com este trabalho busco levantar questões que apontem para o necessário resgate de Gramsci no que ele tinha de mais dinâmico e original, que era a luta incessante por uma sociedade socialista a partir da historicização das categorias marxistas postas em diálogo constante com a realidade. Afinal de contas, o destino de quase toda a esquerda pós-comunista foi a adaptação aos regimes burgueses e, ao que parece, a sinalização das ruas aponta para um outro caminho, muito mais próximo de Gramsci, de Lênin e de Trotsky, do que podem supor os nossos vãos intelectuais.